

**14905 - Formação em Agroecologia e cultivos sem venenos no assentamento
Madre Cristina - Goiás**

*Education in Agroecology and cultivations without poisons in the settlement Madre
Cristina - Goiás*

Diego R. GUIMARÃES.¹; BERTAZZO, Cláudio J².

¹ Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão – Acadêmico de Geografia – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Agroecologia – NEPEA. diego_geo92@hotmail.com.

² Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão – Núcleo de Estudos Pesquisas e Extensão em Agroecologia – NEPEA. cbertazzo@gmail.com

Resumo - O NEPEA realiza, desde 2012, intervenções no Assentamento Madre Cristina, em Goiandira (GO), orientadas na Agroecologia, capacitando camponeses para a produção agrícola sem venenos. Seu objetivo está em promover o desenvolvimento rural em perspectivas de sustentabilidade para que as famílias fortaleçam suas bases socioeconômicas, conservando e promovendo o equilíbrio ambiental. O resultado com a formação nos estilos de agricultura ecológica tem sido a identificação dos produtores com a Agroecologia, entendendo-a para além de um modelo de agricultura, sobretudo como uma busca continua pela sustentabilidade. Ao aprofundar-se as discussões sobre os princípios agroecológicos e manejo/desenho de agroecossistemas sustentáveis, os agricultores aumentaram suas lavouras e diversificaram a produção. E, desde que começaram a colher e a vender seus produtos, demonstraram a recuperação de sua autoestima e a confiança em suas competências para trabalhar, produzir e viver em condições de dignidade.

Palavras-chave: Agroecossistemas; Biofertilizante; Extensão Rural; Sustentabilidade.

Abstract - The NEPEA performs, since 2012, the settlement interventions Madre Cristina in Goiandira (GO), oriented in Agroecology empowering farmers to agricultural production without poisons. Its objective is to promote rural development in sustainability perspectives for families to strengthen their socio-economic bases, preserving and promoting environmental equilibrium. The result with formation in the styles of ecological agriculture has been the identification of producers with the Agroecology, understanding it beyond a model of agriculture especially as a search continues for sustainability. To deepen discussions on agroecological principles and management / design of sustainable agroecosystems, farmers have increased their crops and diversified production. And, since they started spoon and selling their products, demonstrated the recovery of self-esteem and confidence in their skills to work, produce and live in dignity.

Keywords: Agroecosystems; Biofertilizer; the Rural Extension; Sustainability.

Introdução

O Assentamento Madre Cristina, criado em 2011, foi constituído com 18 famílias. Ele está localizado no Sudeste de Goiás, em uma altitude média de 840 metros e com temperatura média de 22°C. E apresenta características típicas do Bioma Cerrado goiano, as quais são propícias à produção de hortaliças.

O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Agroecologia - NEPEA – ao iniciar suas atividades de extensão rural encontrou no Assentamento Madre Cristina, agricultores em situação de quase abandono pelo INCRA. Necessitavam gerar renda através do trabalho na agricultura para viverem. A questão central que estava posta era: como plantar e viver da renda da terra em uma gleba que possui um solo degradado e com água escassa? E, sobretudo, como produzir sem utilizar venenos

e adubos sintéticos? Foi nesta situação problema que vimos a oportunidade de inserir a Agroecologia na vida daquelas (es) assentadas (os).

Desde janeiro de 2013 as atividades de Extensão, Pesquisa e Ensino realizadas pelo NEPEA neste assentamento estão abrigadas no Programa de Desenvolvimento Rural no Sudeste Goiano, financiado pelo PROEXT – MEC/SESu.

Metodologia

Desde o princípio, procuramos estabelecer uma relação transparente com cada agricultor, pois estávamos para apresentar-lhes os estilos de agricultura ecológica e sustentável. Disto alguns já haviam ouvido algumas coisas, outros haviam tentado, e muitas das experiências que travaram conhecimentos tinham sido pouco exitosas. Consideramos estes aportes e procuramos fazer uma integração participante com as famílias assentadas e procuramos nos aproximar do povoado que estava próximo.

Nosso foco de extensão com aqueles assentados consistia em descortinar-lhes as possibilidades de realizar a agricultura sem venenos. Por isso fizemos várias reuniões para conhecer suas expectativas e diagnosticar suas necessidades, opiniões e prioridades. Cada agricultor foi ouvido. Todos puderam externalizar as necessidades imediatas e, com isso, pudemos esboçar o perfil de cada agricultor e preparar um instrumento de entrevista semiestruturado para aplicar com cada responsável de parcela, quando fosse oportuno. Estas reuniões participativas também nos abasteceram de informações que nos permitiram reorganizar nossa agenda e propor algumas intervenções conforme a realidade percebida e pelas demandas que emergiram em rodas de conversa. Nestas ocasiões a palavra e o pensamento eram livres, contudo, sempre procuramos ressaltar que os princípios fundamentais dessa atuação eram os do desenvolvimento rural sustentável

Estávamos conscientes, sobretudo, que nos diálogos com os agricultores, e mesmo quando começamos as capacitações, necessitávamos ter cuidado ao apresentar as ideias para não parecermos invasivos; conforme advertiu FREIRE (1985, p. 28) “mesmo que apareçam alguns agricultores dizendo que não são invasores, que respeitam a posição cultural de todos os grupos, somente o fato de estar fazendo extensão, já é uma invasão, pois é isso que quer dizer extensão”. Por isso, nossa pesquisa e nossas intervenções só se deram depois que estávamos integrados ao grupo de assentados. De modo que realizamos uma intervenção participante. Esta é uma marca forte do NEPEA. No Núcleo não há lugar para extensionistas que impõem aos agricultores o que querem, mas, ao contrário, buscam conciliar seus estudos e pesquisas com as ideias e valores culturais dos agricultores.

As formações e capacitações foram de natureza híbrida: momentos teóricos e momentos práticos. Nem sempre nesta ordem. Usamos estratégias didáticas diversas: imagens, cartazes, material de apoio, folhetaria, projetor multimídia, demonstrações e experimentações. Comumente, preparamos as formações nos temas que nos eram demandados ou que percebíamos nas visitas às parcelas ou nos diálogos que fazíamos no coletivo ou com pequenos grupos ou famílias.

Quando apresentamos qualquer tecnologia, como os biofertilizantes, conjuntamente preparamos uma oficina para que compreendessem como preparar este importante ferti-nutri-irrigador. O Biofertilizante líquido (BIOL) é desenvolvido pela EMBRAPA,

sendo uma mistura de materiais orgânicos, esterco e água. A mistura de materiais orgânicos é chamada de mistura proteica, pois é rica em proteínas de origem animal. Junto aos produtores, desenvolvemos discussões sobre o BIOL, procurando saber os efeitos que ele traria sobre as plantas e solo. Depois disto os agricultores começaram a produzir fazendo a ferti-nutri-irrigação com o BIOL que eles mesmos prepararam.

Resultados e discussões

O uso do BIOL nas hortas e lavouras dos agricultores foi fundamental. Com este produto os agricultores obtiveram respostas rápidas e os resultados da produção surpreenderam pela qualidade. Como destacamos, a oficina foi desenvolvida na sede do Assentamento em duas etapas. A primeira foi uma aula teórica, onde cada agricultor que estava presente pode tirar dúvidas sobre o BIOL, as dúvidas mais importantes que surgiram foram: Como usar? Quanto tempo deve-se aguardar para usar o produto? Quais os materiais necessários e indispensáveis e quais os substituíveis/substitutos para que se tenha um bom BIOL?.

A segunda etapa foi a realização da mistura: a parte prática, por excelência. Nesta os agricultores foram os protagonistas, tanto na coleta de insumos quanto na preparação. Durante a execução/preparação do BIOL, foram sendo repetidos os aspectos teóricos, o sentido e a funcionalidade de cada um dos insumos que iam sendo colocados na mistura. Para tornar mais simples a compreensão do processo, a sequência que estabelecemos foi a de colocar um insumo líquido (sempre começando pela água) e logo um insumo seco, até colocar todos, sempre misturando para facilitar a biofermentação da mistura.

Quando o BIOL ficou pronto, surgiram perguntas sobre como é que as plantas incorporam os biofertilizantes. Assim começamos a dialogar sobre adubação/nutrição foliar. Preparamos uma nova oficina para ilustrar o tema e aprofundar acerca das questões que emergiram ou que viessem a emergir sobre o assunto. Os agricultores sedimentaram suas convicções a partir do que já haviam constatado em suas hortas. Compreenderam que as plantas absorvem água e nutrientes também pelas folhas e as distribuem para o restante de suas componentes, até chegar nas raízes. Neste sentido, Cosignani (2010), afirma que a adubação foliar proporciona que plantas se nutram dos elementos que estão diluídos na água de rega e se desenvolvam, pois,

Os nutrientes aplicados via foliar são rapidamente absorvidos pelas folhas das plantas, corrigindo as deficiências ou evitando que as mesmas se manifestem – as plantas absorvem cerca de 90% do adubo, sendo que uns elementos são mais assimiláveis que outros, enquanto isso, o adubo colocado no substrato perde cerca de 50% de sua eficiência – minutos após a aplicação do adubo, ele completa uma primeira fase de absorção e no fim de algumas horas chega às raízes. (COSIGNANI, 2010, p.1),

Depois do uso e da apropriação do conhecimento do BIOL, com sua aplicabilidade através de nutrição foliar, chegou o momento de estudar, compreender e experimentar os adubos verdes. Agora chegara o momento de lavouras maiores e era-lhes necessário trabalhar a fertilização destas áreas. Na impossibilidade de fazer tantos exames qualitativos dos solos das parcelas, eles decidiram que usando plantas já testadas para adubação verde isso poderia agregar fertilidade e nutrientes

para os solos onde iriam cultivar milho, mandioca e outras culturas. Esta demanda foi decorrente de um material genético e de folhetos produzidos pela EMBRAPA que havíamos distribuído aos assentados. Queriam aprender a manejar as principais leguminosas usadas como adubação verde: crotolária, labe-labe, mucuna branca, mucuna preta e feijão de porco. E realizamos as oficinas, distribuindo muitas sementes. Cada produtor ficou responsável por multiplicar os germoplasmas recebidos, segundo suas espécies.

Quando organizamos estas oficinas estávamos imbuídos do espírito da agroecologia, pois como declara Jesus:

Os profissionais voltados para a Agroecologia devem ser capazes de analisar problemas concretos e devem ter capacidade de analisar e sintetizar, obtendo daí soluções para os desafios enfrentados no manejo dos agroecossistemas. (JESUS, 1995 p. 3)

Os resultados principais destas intervenções se refletem no empoderamento dos assentados. Mais do que obter renda digna pelo trabalho agrícola, essa intervenção vem propiciando o resgate de sua autoestima, os quais se mostram capazes de cultivar a terra de modo sustentável e aprender mais sobre manejo de agroecossistema. É nessa dimensão que se dá nossa participação, cooperando com os agricultores e proporcionando um espaço de participação em eventos sobre Agricultura Familiar, Produção de Sementes Orgânicas e Agroecologia.

O ponto culminante dessa intervenção realizada no Assentamento convergiu para a realização de uma feira e organização de uma exposição de produtos da agricultura familiar. A exposição ocorre todas as terças-feiras, semanalmente, tendo sido denominada pelo NEPEA de “Feira Sem Veneno”. Ela é realizada no pátio do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás. Iniciou-se em 13 de novembro de 2012 e já faz parte do calendário de eventos da comunidade universitária e circunvizinhança. O trabalho e os produtos agroalimentares dos agricultores familiares vem cativando e despertando o interesse de professores, alunos, técnicos e servidores do Campus.

Conclusões

Junto aos agricultores assentados O NEPEA vem desenvolvendo um processo de formação e capacitação em agriculturas. Essa atuação ocorre em consonância com as bases científicas da Agroecologia. Sabemos que os agricultores, querem, em primeiro lugar, auferir renda com o seu trabalho e assegurar a reprodução de suas famílias. Isto fortalece os laços destes com o Núcleo. Estamos todos aprendendo a manejar as hortas e lavouras naqueles ecossistemas onde suas parcelas se encontram. Assim, procuramos fazer todas as coisas de forma sustentável, preconizando relações equilibradas nos processos de cultivo e de comercialização.

Os agricultores familiares, com toda a importância que têm na produção de alimentos ainda estão a buscar alternativas de inserção econômica e de empoderamento. Parte-se do suposto de que aquele que se aproxima da Agroecologia e orienta-se segundo suas práticas agrícolas, poderá obter maior qualidade de vida e até mais renda, não porque vendem mais caro, mas por que gastam menos com insumos. As experiências com os assentados vão demonstrando isto. Ali, estamos todos apenas começando. Estamos, como declara Mussoi (2011),

num processo de extensão inovadora junto aos produtores familiares. Entretanto muito há que aprender, fazer, produzir e transformar, pois

el futuro de este tipo de agricultura está pasando por una importante revisión del paradigma de desarrollo que, sin duda, indica las dimensiones de la Agroecología y la sustentabilidad como factores clave en la consecución de un nueva concepción de sociedad rural, ambientalmente limpio y sano y con justicia social. Esta cuestión se vuelve crucial en la definición de una propuesta de Extensión Rural realmente innovadora y moderna. (MUSSOI, 2011, p. 20)

Referências bibliográficas:

ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO (ASA) - Tecnologias Sociais para Convivência com o Semiárido - Série Estocagem de Água para Produção de Alimentos – Cisterna-Calçadão. Disponível em: [http:// www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br) . Acesso em: 10 Ago. 2012.

Boletim Informativo Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Viçosa: Editora SBCS, janeiro/abril de 2012. Volume 37.

COSIGNANI, Patrícia S. Adubação Foliar. **Jardineiro.net**. Ano: 2012. Disponível em: <http://www.jardineiro.net/adubacao-foliar.html> . Acesso em: 8 jul 2013.

MUSSOI, Eros M. “Política de Extensión Rural Agroecológica en Brasil: avances y desafíos en la transición en las instituciones oficiales”. UNIA/UDC/UFSC, 2011.
FREIRE, Paulo. “Extensão ou comunicação?”. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

JESUS, E. L. Perfil do Profissional para atuar em Agroecologia – Um novo desafio às escolas de ciências agrárias. AS-PTA. 1995.